



FUTEBOL, ESPETÁCULO E UFANIA NACIONALISTA: O EXEMPLO DA COPA DO MUNDO

FOOTBALL, SHOW AND NATIONALIST PRIDE: THE CASE OF THE WORLD CUP

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo – SEEDF – Brasília – DF – Brasil
gcca99@gmail.com

Sidelmar Alves da Silva Kunz – INEP – Brasília – DF – Brasil
sidel.gea@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo tratar da relação entre a representação cultural e política do futebol na constituição dos argumentos nacionalistas no período da ditadura militar no Brasil, especificamente durante a Copa do Mundo de 1970. A ufania nacionalista dos militares encontrou na identificação popular com o futebol uma via de acesso ao seu discurso e ações. O Estado, e seus governos no caso da Ditadura Militar, possuem facetas que podem ser exploradas para melhor compreender as **intrincadas** singularidades históricas e geográficas deste importante período político, econômico e social do país.

Palavras-chave: Representações Simbólicas. Ufania Nacionalista. Copa do Mundo.

ABSTRACT

This article aims to deal with the relationship between the cultural and political representation of football in the constitution of nationalist subject-matters in the period of military dictatorship in Brazil, specifically during the 1970 World Cup. football a way of accessing your speech and actions. The State and its governments in the case of the Brazilian Military Dictatorship have facets that can be explored to better understand the intricate historical and geographical singularities of this important political, economic and social period of the country.

Keywords: Symbolic Representations. Nationalist Pride. World Cup.

INTRODUÇÃO

O futebol é uma manifestação e representação social, cultural e simbólica. O jogo envolve consigo elementos que vão do entretenimento do espetáculo ocorrido nas limitações do campo como, também, o potencial de aproveitamento deste evento com

interesses e intencionalidades políticas e comerciais. Dado que é desenhado no imaginário popular brasileiro como o mais forte elemento identitário e a melhor representação de substrato conceitual, o qual formata o padrão de pensamento para o brasileiro médio.

Ao levarmos estas colocações sobre o futebol ao panorama histórico e geográfico brasileiro, nos deparamos com uma complexidade perene de maior amplitude, abrangendo a maior parte dos países latino-americanos, referente à **intrincada** relação deste esporte com a sociedade destas nações. Questões ideológicas, ufanistas, econômicas e políticas são imbricadas ao **construto** da identidade nacional destas sociedades.

Estes elementos do jogo, da copa do mundo de futebol e o seu potencial estratégico para o Estado e mercado, formam os objetivos de debate que serão apresentados neste artigo. Parte-se dos aspectos ideológicos do espetáculo esportivo para o seu uso por parte das instituições estatais, especificamente durante a ditadura militar (prorrogadas até o presente momento da vida política brasileira), e conclui-se com a reflexão sobre a importância de fomentar esta discussão, tão profícua para a formação e estruturação de uma das características simbólicas, hegemonicamente – sobretudo se levarmos em consideração a existência de refutações e questionamentos à esta condição especial do futebol para a população – defendidas a respeito da cultura nacional brasileira.

A IDEOLOGIA, O JOGO E O ESPETÁCULO

A materialização (concretização) da ideologia é um processo histórico, e como tal, contínuo, e passível de mudanças e variações. Se o Brasil possui seu mito fundador edênico há séculos (CHAUÍ, 2005; MAGNOLI, 1997), então, no decorrer deste tempo, o pensamento em torno desta ideia ideológica – intencional – também teve suas modulações. Desde o fim do primeiro período militar da fase republicana, em 1930, diferentes modos de se projetar esta ideologia espacial da ufanía edênica vêm sendo

aproveitadas de diferentes formas, seja por Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, ou pelos governos militares.

Para Debord (1997), a *sociedade do espetáculo* é parte integrante da modernidade industrial dominante no modo de produção capitalista ocidental, e esta espetacularização seria um dos principais pontos de detecção da ideologia **dessa** sociedade classista, desigual e consumidora não só de produtos concretos, mas de informação e entretenimento:

A ideologia é a *base* do pensamento numa sociedade de classes, no curso conflitual da história. Os fatos ideológicos não foram nunca simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, enquanto tais, fatores reais exercendo, por sua vez, uma real ação deformada; na medida em que a *materialização* da ideologia na forma do espetáculo, que arrasta consigo o êxito concreto da produção econômica autonomizada, se confunde com a realidade social, essa ideologia que pode talhar todo o real segundo o seu modelo (DEBORD, 1997, p. 134).

Com o **esteio teórico** de Debord (1997), conseguimos visualizar a copa do mundo como espetáculo, pois não apenas nela, mas em outros grandes eventos esportivos de mesmo porte são detectáveis sinais, ícones, referências e conexões de interesses ideológicos, sejam eles de cunho comercial, político ou cultural: “O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta na sua plenitude a essência de qualquer sistema ideológico” (DEBORD, 1997, p. 134).

Podemos ver uma correlação destas teorizações de Debord (1997) com a noção de ideologia como concreção da intencionalidade e interesse de uma determinada hegemonia social (KOSIK, 1976). De modo geral, é possível compreender o espetáculo esportivo como ideologia pelo fato de mesmo elencar os elementos simbólicos já listados, mas, mais que do isto, por chegar a patamares de apreciação que vão de nichos populacionais aos mais variados públicos ao redor do mundo, fazendo com que estes eventos sejam um dos principais instrumentos ideológicos utilizados por forças estatais, publicitárias, mercadológicas, etc.

Para Debord (1997), contudo, a ideologia deve ser entendida e teorizada como o velamento do real, **acobertando**, ou servindo como suporte para a geração de névoas de

sentidos que retiram da realidade sua essência, já que a ideologia, segundo o autor, gera “[...] o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real” (DEBORD, 1997, p. 135)”. Esta condição do espetáculo como mercadoria para os trabalhadores é comentada, também, por Benjamin (2000, p. 11): “Aquilo que o assalariado realiza no trabalho diário não é menos importante que o aplauso e a glória do gladiador na antiguidade” (BENJAMIN, 2000, p. 11), sobre o porquê do interesse tão claro e incisivo das forças comerciais e estatais nestes espetáculos das massas.

Recuperar **os conceitos de** indústria cultural dos representantes da Escola de Frankfurt torna possível entendermos a potência de aproveitamento ideológico existente nos grandes eventos esportivos. DaMatta (2006) explora este cenário nos casos das copas do mundo a partir de 1950, algo próximo **dos conceitos de** invenção das tradições, **trabalhados** por Hobsbawm (2015). Por meio do evento esportivo era possível, literalmente, “materializar a ideologia” do regime, em seu ufanismo, verdeamarelismo e toda a retórica nacionalista. A respeito desta forma de ideologia concreta pelas vias do espetáculo, Debord (1997) sustenta que:

O espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à *ocupação total* da vida social. Tudo isso é perfeitamente visível com relação à mercadoria, pois nada mais se vê senão ela: o mundo visível é o seu mundo. A produção econômica moderna estende a sua ditadura extensiva e intensivamente. Até mesmo nos lugares menos industrializados, o seu reino já se faz presente com algumas mercadorias-vedetas, com a dominação imperialista comandando o desenvolvimento da produtividade. Nestas zonas avançadas, o espaço social é invadido por uma sobreposição contínua de camadas geológicas de mercadorias (DEBORD, 1997, p. 23).

A copa do mundo de 1970 foi uma grande oportunidade, no sentido de espetáculo político, a ser aproveitada pelo governo; e não apenas a copa do mundo – nos últimos anos, os grandes eventos esportivos vêm potencializando seu poder de alcance das massas, sempre ligados aos ganhos imensuráveis advindos a reboque de suas realizações: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997, p. 13).

Sobre o jogo como espetáculo ideológico para arrecadação de dividendos e como ação de larga escala do capitalismo, Galeano (2004, p. 14) afirma que: “[...] se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue”. Para Ribeiro (2007), o futebol como esporte de larga escala de afeição e prática ao redor do mundo está ligado à expansão do modo de produção capitalista, em especial à sua feição mundializada a partir da segunda metade do século XX (RIBEIRO, 2007). Este é o mesmo posicionamento de Debray (1995) a respeito da “planetização” do espetáculo do futebol pelas grandes corporações:

Além de modificarem as normas de incitação, consumo e controle de vestígio e memória, as novas tecnologias das imagens, sons e signos planetarizam uma e unicamente uma economia política de consciência que ameaça revelar-se cruel para os desviantes e perturbadores. A transformação do sujeito vivo, procriador e mortal, em objeto de manipulação técnica mobilizou, claramente, uma responsabilidade social. A transformação do sujeito cultural, que decide e deseja, imaginativo e emocional, em que objeto de manipulações da mesma ordem ainda não mobilizou abertamente, entre os atores como entres decisores, uma responsabilidade equivalente (DEBRAY, 1995, p. 159).

O encapsulamento das competições de grande alcance pelos interesses mercadológicos seria inevitável, segundo o autor, justamente porque detém o poder de agrupar grandes efetivos de consumidores num espaço-tempo profícuo para comercialização tanto do jogo em si como outros produtos: “A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia” (GALEANO, 2004, p. 14).

Estas considerações de Galeano vão ao encontro do que problematiza Campos (2008) quando diz que esta relação com o jogo e competições esportivas se enquadram como parte das relações sociais que formam o constructo cultural dos indivíduos que estejam envolvidos com esta manifestação social e cultural: “As representações sociais também são apropriadas pelos atores sócio-espaciais que participam do universo reificado do

futebol. No interior deste também são produzidas representações sociais, manifestadas nos discursos (CAMPOS, 2008, p. 264).

A relação íntima entre o jogo e cultura também é levantada por Huzinga (2000), ao apontar os jogos como manifestações sociais: “Dado que nosso tema são as relações entre o jogo e a cultura, não é indispensável fazer referência a todas as formas possíveis de jogo, sendo possível limitarmo-nos a suas manifestações sociais” (HUZINGA, 2000, p. 9). O autor faz um movimento de transposição da dinâmica do jogo, suas adaptações espaço-temporais e permanência como manifestação social em diferentes culturas, ora como momento de ordenação ora como descontração, indo da brincadeira aos ritos de passagem mais rijos e tradicionais:

A limitação no espaço é ainda mais flagrante do que a limitação no tempo. Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. Tal como não há diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o "lugar sagrado" não pode ser formalmente distinguido do terreno de jogo. A arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial. Reina dentro do domínio do jogo uma ordem específica e absoluta. E aqui chegamos a sua outra característica, mais positiva ainda: ele cria ordem e é ordem. Introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a esta "estraga o jogo", privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor. É talvez devido a esta afinidade profunda entre a ordem e o jogo que este, como assinalamos de passagem, parece estar em tão larga medida ligado ao domínio da estética. Há nele uma tendência para ser belo. Talvez este fator estético seja idêntico aquele impulso de criar formas ordenadas que penetra o jogo em todos os seus aspectos (HUZINGA, 2000, p. 11).

A competição, o jogo e as disputas fazem parte de muitas interações sociológicas do ser humano ao longo da história. Esta *genealogia*, ou natureza intrínseca de nossas sociedades para os jogos, é discutida por Callois (2000), que procura entender a razão de

o jogo estar tão ligado às nossas comunidades, ritos e culturas, e por esta condição em ser um dos alvos mais buscados, e efetivos, da espetacularização comercial:

Há uma extraordinária divergência entre as numerosas tentativas de definição biológica do jogo. Um definem as origens e o fundamento do jogo em termos de descarga de energia vital superabundante, outras, como satisfação de certos “instintos de imitação”, ou ainda, simplesmente como uma “necessidade” de distensão. Segundo uma teoria, o jogo constitui uma preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida exigirá; segundo outra, trata-se de um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo. Outras vêem o princípio do jogo como o impulso inato para exercer uma certa faculdade, ou como o desejo de dominar ou competir. Teorias há, ainda, que o consideram uma “ab-reação”, um escape para impulsos prejudiciais, um restaurador de energia despendida por uma atividade unilateral, ou “realização do desejo” ou uma ficção destinada a preservar o sentimento do valor pessoal [...] (CALLOIS, 2000, p. 4).

O *mimicry*, conceito criado por Callois (2000) para representar a ideia do substrato imaginativo e interpretativo na imersão tanto do participante como do espectador no jogo: “Qualquer jogo supõe a aceitação temporária ou de uma ilusão (ainda que esta palavra signifique apenas entrada em jogo: in-lusio), ou, pelo menos, de um universo fechado, convencional e sob, alguns aspectos, imaginário” (CALLOIS, 2000, p. 39). Esta riqueza da ideia e conceito de jogo, espetáculo e consumo deste evento social coletivamente são levantados por Hofig (2012) como um importante elemento de perscrutação das manifestações simbólicas e culturais da sociedade, especificamente pelas lentes do futebol neste panorama:

A origem dos estádios remonta ao Império Romano, mas em nosso país, aflorou no período do Estado Novo (1937). Notoriamente, hoje em dia, percebem-se novas políticas de acesso ao esporte, tanto para a prática quanto para a mera apreciação. No entanto, o futebol metaforiza o choque de diferentes categorias existentes no cotidiano e, por isso, é tão difundido socialmente, haja vista que representa setores, cidades, regiões, estados e nações que em nenhuma outra situação sentiram-se representadas. Sendo assim, o esporte e, particularmente o futebol, é essencial na construção de identidade e referências territoriais, além de afetar diretamente a geografia da cidade, expondo realidades e injustiças do território urbano. O futebol se refere a um aspecto

marcante das culturas de países, estados e cidades, construindo paisagens, relações e símbolos (HOFIG, 2012, p. 91).

A potência do jogo, social e culturalmente, seria tão grande a ponto de conferir-lhe caráter de fenômeno autônomo, ao menos no âmbito de sua ocorrência: “O jogo é uma entidade autônoma. O conceito de jogo enquanto tal é de ordem mais elevada do que o de seriedade. Porque a seriedade procura excluir o jogo, ao passo que o jogo pode muito bem incluir a seriedade” (HUIZINGA, 2000, p. 51).

O FUTEBOL E AS ESTRATÉGIAS IDEOLÓGICAS DO ESTADO E DO MERCADO

A copa, que se concretiza como representação da incerteza do jogo, torna-se ainda mais aproveitável como capital político e especulação nacionalista, simbolismo este explorado ao máximo nas participações brasileiras no certame. No caso dos militares, houve um grande investimento propagandístico neste sentido, de modo a utilizar o evento esportivo como alicerce da base retórica do Brasil forte, integrado e unido para vitória:

Assim foi até o advento da modernidade que gradualmente transformou todas as atividades em tarefas racionais, desencantando-as. Até a religião, repleta de magia, virou um credo político e uma ideologia seca e desinteressante. Até a guerra passou a ser um jogo marcado pela alta tecnologia que assinala desde o início o vencedor. Tecnologia e racionalidade liquidaram o jogo e o ritual, transformando-os em esportes. Aquilo que vivia repleto de incertezas virou uma atividade controlada, baseada no cálculo e na produtividade. É o que ocorre no vôlei, no basquete, nos esportes olímpicos e, sobretudo, no futebol americano, modalidades esportivas nas quais é praticamente impossível que um time fraco vença um forte. Só o velho futebol-relação-associação — como essa Copa demonstra cabalmente — preservou esses elementos de incerteza que ressuscitam o apelo aos deuses, à reza e à magia. O futebol, fazendo com que a bola corra mais que os homens, encanta novamente o mundo (DAMATTA, 2006, p. 61).

As copas do mundo, para DaMatta (2006), devido à própria dinâmica do futebol, provocaram uma identificação sinérgica com a população, principalmente pela

imprevisibilidade dos jogos: “As Copas, por apresentarem sem mais rodeios a nossa fragilidade e os nossos limites, mesmo quando temos uma imensa esperança de vencer, situam com clareza a necessidade de pôr em diálogo esses dois lados que constituem a existência humana: a certeza e a incerteza, a estrutura (que tudo organiza) e o acontecimento (que tudo transforma)” (DAMATTA, 2006, p. 25).

Esta é a ligação íntima do esporte com a sociedade em seu mais alto nível de interação: “No universo moderno o esporte tem sido um mecanismo e uma ponte exemplar na ligadura dessas duas dimensões da vida em sociedade” (DAMATTA, 2006, p. 25). Ainda, no que tange à importância do futebol como um todo e a Copa em particular, Campos (2008) também apresenta reflexões sobre o futebol e a formação, ao menos do ponto de vista estatal e hegemônico, de uma identidade cultural brasileira:

Além de se confirmar a premissa de que o futebol não é simplesmente um esporte no Brasil, é possível dizer mais, que é também uma manifestação cultural e simbólica, que se articula em diversas escalas (global, nacional e local). Pode-se também confirmar o caráter cotidiano do futebol, sobretudo em escala local, afirmando que produz e permeia relações sociais e também espaciais segundo o pensamento de Lefévre (1991) em relação à tríade do espaço social. Assim, é possível falar em uma instância da espacialidade própria do futebol: o espaço de representação do futebol (CAMPOS, 2008, p. 254-255).

Figura 1: Médici cumprimenta atletas da seleção brasileira de futebol, em 1970



Fonte: <http://acervo.estadao.com.br>

Seguindo argumento semelhante, Mascarenhas lembra o contexto da chegada do futebol no Brasil; nascido na alta sociedade inglesa, abrange uma diversidade muito maior

de gosto e praticantes em nosso país: “Chancelado pelos grupos pretensamente modernos e “cosmopolitas”, o futebol aporta no Brasil justo no momento em que as elites brasileiras querem investir abruptamente na ruptura com o passado colonial”. E o autor ainda complementa, sobre a diferença do **ludopédio** britânico, segregador e de classes, para o praticado no Brasil, integrador e apreciado por toda população: “Por conseguinte, praticam o futebol de forma altamente segregada, falando inglês, como um autêntico ritual de distinção de classe” (MASCARENHAS, 2013, p. 5).

Figura 2: Usina Presidente Bernardes



Fonte: www.petrobras.com.br.

As imagens 1 e 2 são demonstrativas do que foi apresentado pelos autores sobre a copa do mundo. Na primeira, o presidente Médici com os recém-campeões do mundo, registrando e difundindo a imagem da vitória nacional, recurso importante para a retórica militar do governo; na outra, a união da questão simbólica do evento esportivo com um signo dos ditames políticos do Estado brasileiro desde o período getulista, uma usina de transformação, representando a modernização do país.

O Estado também aproveita-se, e no caso brasileiro tal atitude ocorreu opressiva e explicitamente, da popularidade do futebol, da natureza social do jogo, e do seu impacto popular as copas do mundo:

¿Puede hablarse de un pasaje de eficacia del Estado a los médios? O mejor: las narrativas nacionales se construyeron sobre varios ejes, soportes y actores, en un régimen plural que contó con la acción y la omisión de mecanismos múltiples pero, todo recortado y amparado por el gran narrador, el Estado nacional (ALABARCES, 2006, p. 10).

A união entre o Estado, o mercado e os grandes eventos esportivos é um dos focos de Mascarenhas em seu olhar sobre estas grandes competições cada vez mais midiáticas e com maior apelo popular: “Em 1950, o Brasil vivia os primórdios do que seria mais tarde, nos anos do regime militar, a formação da máquina estatal planejadora do território nacional e das cidades” (MASCARENHAS, 2013, p. 19). Além do discurso da modernização atrelado à realização (no caso de 1950) ou participação em uma copa do mundo (em 1970), o autor reitera a mudança no poderio da representação do evento no decurso do avanço das técnicas de comunicação. Se, num primeiro momento, havia ainda o poder do rádio e poucas projeções televisivas, vinte anos depois, no México, a televisão mostrou a força da imagem, cor e som, juntos, na transmissão do futebol para o mundo.

Figura 3: Selo comemorativo conquista Copa de 1970



Fonte: <http://blog.correios.com.br/filatelia/?p=3952>

Não por acaso, o termo arena voltou a ser utilizado para designar os nomes dos modernos palcos de grandes eventos esportivos (em países como Alemanha, EUA, África e Grécia, por exemplo), a partir do momento que as copas ganharam notoriedade como evento global nas últimas décadas (FOER, 2005), de modo a emular, simbolicamente, as grandes batalhas romanas, logicamente travestidas pela roupagem do grande negócio que são os megaeventos esportivos como as copas e olimpíadas.

De acordo com Nelson Rodrigues, também nasceram outras ideias sobre a população brasileira, tendo a seleção de futebol como símbolo nacional. Com a vitória na final da Copa de 1970 no México, o termo “futebol arte” tomou forma – em uma crônica pós-título chamada “Brasil, Brasil, Brasil” –, como motivo de orgulho patriótico:

Figura 4: Jogadores brasileiros são recebidos com festa em Brasília, 1970.



Fonte: <http://copadomundo.uol.com.br/historia-da-copa/1970-mexico/fotos/#fotoNav=32>.

De acordo com Nelson Rodrigues, também nasceram outras ideias sobre a população brasileira, tendo a seleção de futebol como símbolo nacional. Com a vitória na final da Copa de 1970 no México, o termo “futebol arte” tomou forma – em uma crônica pós-título chamada “Brasil, Brasil, Brasil” –, como motivo de orgulho patriótico:

Meu Deus, como é gostoso ser patriota. Digo patriota, à maneira antiga, como nos tempos em que se tomava rapé. Nós torcemos, ontem, com as costeletas, os bigodões, o penacho e as esporas do perfeito Dragão do Pedro Américo. Depois da vitória, eu vi a grã-fina das narinas de cadáver, também de penacho e também de esporas. Quanto aos bigodões, Rivelino já os usava. Vocês viram a cidade? Claro que viram. A cidade explodiu, a cidade voou pelos ares. Pela primeira vez, desde Pero Vaz de Caminha, os turistas viram janelas patriotas. Das sacadas, pendia a nossa doce bandeira. Cinco milhões de homens, mulheres e crianças beijaram a bandeira. Os idiotas da objetividade rosnam: — “É ridículo beijar a bandeira!” Não faz mal. Vamos assumir, nobremente, o nosso ridículo. Cada povo e cada homem têm sua dimensão de ridículo. Preservemos o nosso. Vejam vocês como é dura a nossa profissão de estilista. Comecei falando do Espectro de 50 e me esqueci do espectro. O que eu queria dizer é que ele, o Espectro, foi varrido a pontapés. Havia em nós uma chaga já velha, senil chaga. A vitória de ontem a tapou. Não resta nem a cicatriz. Ontem, vocês devem ter reparado que a alegria é mais profunda que a dor. Vocês viram as buzinas, a histeria das buzinas, a loucura das buzinas. Viram a formidável procela de bandeiras? Pelo amor de Deus, não me venham falar que o escrete começou tremendo. Justamente porque treme é que o escrete se consagrou como o maior da “Copa”. O Brasil desmontou o mito burlesco do futebol-força. Os entendidos, querendo humilhar o futebol brasileiro, punham o Europeu nas nuvens. Nós estávamos atrasados trinta anos. Só eles tinham velocidade, ao passo que nós andávamos de velocípede. Eu próprio cheguei a acreditar que os europeus tinham uma saúde de vaca premiada. Com perdão da metáfora, as vacas premiadas somos nós. Vocês querem saber por que trememos nos primeiros minutos? Porque somos artistas e os artistas têm uma larga, uma generosa, uma insuperável emotividade. Nós marcamos um gol e choramos. E daí? E vocês gostariam de ser uns impotentes do sentimento como Belzebu, o Abominável Pai da Mentira? A maior frustração de Satã é não ter, em sua biografia, uma única e escassa lágrima (RODRIGUES, 2013, p. 110).

É a partir desta defesa do patriotismo da nação brasileira pelo futebol que Rodrigues (1993) elabora a sua famosa máxima d’*O Complexo de Vira-Latas* – texto originalmente escrito em 1958, devido ao empate em 0x0 com a seleção inglesa –, no qual utiliza o esporte da copa do mundo para criticar a maneira como os jogadores da seleção brasileira sujeitaram-se aos ingleses. Para o autor, esta crítica poderia ser expandida para a totalidade da população, em sua relação com indivíduos de outras nacionalidades, especialmente àqueles pertencentes aos países desenvolvidos:

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. [...] Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão (RODRIGUES, 1993, p. 61).

Inspirado pela vitória da seleção contra a França por 5 a 2, Nelson Rodrigues escreve outro texto intitulado *É chato ser brasileiro!*, no qual dá outro tom ao *viralatismo* dos jogadores, anteriormente criticado, agora como forma de superação diante dos adversários copeiros. Poderíamos, inclusive, elaborarmos a crítica à soberba dos brasileiros no futebol defendida pelo autor – fenômeno este que voltou à tona até antes da acachapante goleada por 7x1 num incipiente *neoverdeamarelismo* na copa do mundo do Brasil em 2014:

E a quem devemos tanto? Ao escrete, amigos, ao escrete que, hoje, é o meu personagem da semana, meu múltiplo personagem. Personagem meu, do Brasil e do mundo. Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados hão de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos. Ilusão! Os 5 x 2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: — é chato ser brasileiro! Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d’Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas (RODRIGUES, 1993, p. 71-72).

Apesar deste discurso patriótico, que se inclinava à essência verdeamarelista atrelada ao futebol, o autor se mostrou um grande crítico do Golpe de 1964, escrevendo sobre a nova constituição de 1967. Rodrigues (2013) traz para o debate a questão do preço pago pela população pela chegada do regime de exceção dos militares, mesmo que nos desportos (como foi o caso da Copa de 1970), o sucesso e impacto na população fossem diretos:

O camelô continua empunhando o folheto como um estandarte dionisíaco: — A Nova Prostituição do Brasil! A Nova Prostituição do Brasil! Um turista que por ali passasse havia de anotar no seu caderninho: “O Brasil acaba de promulgar a sua nova prostituição.” [...] Depois de cuspir para trás, por cima do próprio ombro, o homem recomeça: — A Nova Constituição do Brasil! A Nova Constituição do Brasil! Só então percebo o monstruoso engano auditivo. Onde é que meus ouvidos estavam com a cabeça? Ah, uma incorreção acústica pode levar o sujeito a sair por aí derrubando bastilhas e decapitando marias antonietas (RODRIGUES, 2013, p. 86-87).

Com a copa de 1970, aumentou a discussão em torno do futebol *arte* como símbolo da identidade nacional, pois a disciplina tática dos jogadores desta copa, alguns remanescentes ainda do primeiro ou segundo título mundial, contrastava com que se esperava da seleção brasileira de futebol em termos de plasticidade e técnica: “Qual seria a identidade do futebol brasileiro, o improvisado e criatividade do futebol arte, almejado e defendido desde a década de 1950 ou a disciplina tática e apuramento técnico visto na copa de 1970?” (GUTERMAN, 2006, p. 40). Essa discussão do potencial identitário das seleções de futebol também é levantada pelo sociólogo argentino Pablo Alabarces (2006) quando este discorre sobre a relação entre a força simbólica e social das copas do mundo com as narrativas nacionalistas dos países latino-americanos, utilizando o exemplo argentino em sua análise.

Para o autor, não apenas o Estado possui protagonismo no aproveitamento dos grandes eventos esportivos, principalmente a partir de sua explosão como espetáculo de massas a partir da segunda metade do século XX:

Las narrativas nacionales futbolísticas tienen distintos enunciadores, y en la mayoría de los casos no son estatales, en el sentido de que su relación con los aparatos del Estado es por lo menos discontinua y de una **autonomía** relativa: son periodistas populares, **directores** de cine de masas, narradores (ALABARCES, 2006, p. 5).

Estas considerações de Alabarces (2006) vão ao encontro do papel exercido, por exemplo, por Nelson Rodrigues e seus relatos das copas do mundo, além, é claro das grandes redes empresariais de circulação de informação televisiva, radiofônica, ou digital, se trouxermos a discussão para nossos tempos.

Temos, então, pensadores do Brasil e Argentina discorrendo sobre o papel da participação de seus países nas copas do mundo de futebol, e como o desempenho ou resultados destas participações afetam a relação do povo com esses eventos. Na mesma seara de debate, Galeano (2004) analisa o impacto das copas também para o cenário uruguaio, e latino-americano como um todo:

Em pleno carnaval da vitória de 70, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, posou para os fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma boa na frente das câmeras. A marcha composta para a seleção, Pra frente Brasil, transformou-se na música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé voando sobre a grama ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: Ninguém segura o Brasil. Quando a Argentina ganhou o Mundial de 78, o general Videla utilizou, com idênticos propósitos, a imagem de Kempes **irresistível** como um furacão. O futebol é a pátria, o poder é o futebol: Eu sou a pátria, diziam essas ditaduras militares. Enquanto isso, o general Pinochet, manda-chuva do Chile, fez-se presidente do Colo-Colo, time mais popular do país, e o general García Mesa, que havia se apoderado da Bolívia, fez-se presidente do Wilstermann, um time com torcida numerosa e fervorosa. O futebol é o povo, o poder é o futebol: Eu sou o povo, diziam essas ditaduras militares (GALEANO, 2004, p. **136-137**).

Temos, então, que a copa do mundo é um evento esportivo mundializado, espacial, capitalista, popular e passível de grande aproveitamento ideológico. Por estes motivos, enquanto evento esportivo de grande apreciação popular, a copa tornou-se um dos principais focos dos governos militares: “A espacialidade da Copa retrata, de alguma forma, o panorama da rede urbana brasileira em meados do século XX, tema que poderá

ser melhor explorado em estudos posteriores” (MASCARENHAS, 2013, p. 18). Este ideologismo espacialista das copas do mundo é ressaltado por Chauí (2005), que considera a espacialista destes eventos como um dos pontos de fortalecimento e reificação da mitologia edênica que acompanha o Estado nacional brasileiro desde suas origens.

Assim, da Copa do Mundo de 1958 à de 1970, o verdeamarelismo, se não permaneceu intacto em todos os seus aspectos, manteve-se como representação interiorizada da população brasileira que, sem distinção de classe, credo e etnia, o conserva mesmo quando as condições reais o desmentem. É interessante observar que o verdeamarelismo opera com uma dualidade ambígua. De fato, o Brasil de que se fala é, simultaneamente, um dado (é um dom de Deus e da Natureza) e algo por fazer (o Brasil desenvolvido, dos anos 50; o Brasil grande, dos anos 70; o Brasil moderno, dos anos 80 e 90). Assim, na perspectiva verde-amarela, o sujeito da ação é triplo: Deus e a Natureza são os dois primeiros, e o agente do desenvolvimento, da grandeza ou da modernização é o Estado. Isto significa que o Brasil resulta da ação de três agentes exteriores à sociedade brasileira: os dois primeiros são não só exteriores, mas também anteriores a ela; o terceiro, o Estado, tenderá por isso a ser percebido com a mesma exterioridade e anterioridade que os outros dois, percepção que, aliás, não é descabida quando se leva em conta que essa imagem do Estado foi construída no período colonial e que a colônia teve sua existência legal determinada por ordenações do Estado metropolitano, exterior e anterior a ela. É surpreendente, porém, que essa imagem do Estado se tenha conservado mesmo depois de proclamada a República (CHAUÍ, 2005, p. 42).

A autora ainda questiona o fato de estes elementos estarem situados em posições de exterioridade em relação aos indivíduos e população em geral, reforçando a intencionalidade ideológica que regia o aproveitamento do impacto popular causado pelo furor do povo para com as copas do mundo de futebol. Galeano (2004, p. 193) nos traz argumentos ainda mais contundentes desta “dependência” do rendimento na copa como alicerce dos discursos nacionalistas sul-americanos na segunda metade do século XX: “Somos porque ganhamos. Se perdemos, deixamos de ser”, situação referida também por Rodrigues (1993) e Alabarces (2006). Estas reflexões encontram ecos nas recentes preocupações por parte de teóricos e jornalistas esportivos sobre a condição de consumo

não apenas do futebol, como também de grandes eventos esportivos, num gradual e imponente movimento de elitização de eventos esportivos de grande porte: “A gradativa elitização mostra que o futebol faz parte dos interesses do capital. Expressa a imposição da lei da oferta e da procura em um comércio cultural e esportivo como qualquer outro”. O consumo, portanto, assim como os interesses estatais por figuras governamentais, tomam lugar na força cultural do esporte e sua inserção cultural como representação social: “Isto é: não se trata de uma organização dentro do futebol que esteja contra os interesses do torcedor tradicional, mas, sim, da exclusão das pessoas que não têm poder de compra” (HOFIG, 2012, p. 86).

Podemos realizar um diálogo entre as colocações dos autores e suas argumentações com as já referidas crônicas ufanistas de Nelson Rodrigues. A copa do mundo, principalmente a de 1970, colocava em evidência três figuras metafóricas que a singularizam no histórico deste evento em nossa história recente: O Estado – personificado pelas intensas campanhas propagandísticas dos governos militares –; Deus, referenciado pelo “dom” da criatividade do futebol brasileiro, mesmo que questionado diante da pressão tática e ordenadora por influência da ditadura; e a Natureza, que retoma o seu papel de precursora de nosso escopo simbólico e nacional, formando a base do nacionalismo verdeamarelista, da ufanía territorial e da ideologia especialista (e integralista em seu modelo ditatorial) durante as décadas de 1960, 1970 e 1980. É importante que se reforce a necessidade de uma problematização a respeito do papel que o futebol obteve para a sociedade brasileira nas últimas décadas e, mais que isto, como este protagonismo explorado por diferentes atores e vetores direta e indiretamente ligados aos grandes eventos esportivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o Brasil e a seleção brasileira de futebol conheceram o Olimpo do ludopédio na copa de 1950, foi com a edição de 1970 do megaevento que o povo brasileiro teve contato com o verdadeiro grau de intensidade que seus representantes poderiam gerar no

gramado. Em meio aos jogos, havia o endurecimento do regime militar que – em concomitância ao seu enfraquecimento econômico no mesmo período –, condicionava parte de sua aceitação pela população em claras cobranças aos jogadores por resultados.

Fundiram-se a um só tempo, discursos patrióticos, salvacionistas e toda uma gama de referências ufanistas, marcando a copa de 1970 como sendo aquela em que os interesses políticos e também econômicos mostraram que era possível condicionar os grandes eventos esportivos ao curso das decisões e ações que as corporações e Estados escolhessem como de maior alcance, importância e seletividade para com os indivíduos de uma nação, como foi o caso da população brasileira.

As vestes simbólicas deste cenário evidenciam os contornos do nacionalismo verdeamarelista que reinaria nos discursos políticos dos governos militares (CHAUÍ, 2005). Como já referenciado anteriormente, além dos eixos econômico e estrutural, havia a preocupação com questões envolvendo a ideologia e simbologia do Estado nacional controlado pelo regime de exceção desde o Golpe de 1964, e a herança secular do cânone mítico do edenismo foi utilizada em toda sua potência signífica neste contexto.

Esse mesmo amálgama de valores em torno da camisa verde-amarela da seleção brasileira tem se consolidado nos grandes movimentos de extrema direita, nesta segunda década do século XXI, os quais veementemente buscam a derrocada da democracia brasileira, seja por meio da coloração do golpe parlamentar encampado por políticos que atualmente estão cumprindo penas em presídios devido aos seus atos de corrupção, seja até mesmo para a sustentação de uma retomada das forças militares ao poder de modo institucionalizado. Ou, no caso mais grave: para servir de base discursiva no intuito de abater a Constituição Cidadã de 1988 para que se construa uma nova sob os ditames do pensamento liberal **radical** em forte expansão no país.

REFERÊNCIAS

ALBARCES, Pablo. Fútbol y Patria: el fútbol y (la invención de) las narrativas nacionales en la Argentina del siglo XX. In: *CEIC Papeles*. Volumen 2006\1 septiembre 2006. Disponível em: <http://www.ehu.es/CEIC/papeles/25.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Trad. Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2ª edição, 2000.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Trad. José Garcez Palha. Lisboa: Cotovia, 2000.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Geografia e Futebol? Espaço de representação do futebol e rede socioespacial do futebol. **Terr@Plural**, Ponta Grossa-PR, v. 2, n. 2, p. 249-265, jul./dez. 2008. Disponível em:

<https://revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/1178>. Acesso em: 10 maio. 2022.

CHAUÏ, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. 1ª ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005. (Coleção História do Povo Brasileiro).

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRAY, Régis. **Manifesto midiológico**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo. Um olhar inesperado sobre a globalização**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Trad. Eric Nepomuceno et al. Porto Alegre, L&PM, 2004.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica do Brasil: O caso da Copa de 70**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006, (PUC-SP, Dissertação, mestrado em História).

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOFIG, Pedro; BRAGUETO, Claudio Roberto. Considerações sobre Geografia e Futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. **Terr@ Plural** (UEPG. Online), v. 7, p. 79-92, 2012. Disponível em:

<https://revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/3511>. Acesso em: 10 jun. 2022.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. Trad. João Paulo Monteiro. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 3ª Ed. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da pátria**. São Paulo: Moderna/EDUNESP, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. Copa do mundo de 1950 e sua inserção na produção do espaço urbano brasileiro. **Geo UERJ** - Ano 15, nº. 24, v. 2, 2º semestre de 2013. p.1-22.

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/11490>. Acesso em: 10 maio 2022.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Apresentação. In: RIBEIRO, Luiz Carlos (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí (SP): Fontoura, 2007.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. **Somos o Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo – Graduado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Campus de Rio Claro/SP, Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília, Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Campus de Rio Claro/SP, Pós-Doutorado em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professor e Pesquisador Permanente do Programa Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Educação e Professor no Programa de Incentivo à Licenciatura - (PRIL) da Universidade Católica de Brasília, Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - Prolam/USP, professor de Geografia na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Experiência como assessor e Diretor Substituto na Diretoria de Educação de Jovens e Adultos da Subsecretaria de Educação Básica/SEEDF e como coordenador no Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem Urbano, em Limeira/SP. Experiência docente em etapas e modalidades da Educação Básica, Graduação e Pós-Graduação (Lato e Stricto Sensu). Participação e coordenação de atividades de ensino, pesquisa e extensão em cursos de Graduação e Pós-Graduação, atuação e coordenação em formação de professores. Parecerista e avaliador ad hoc em periódicos e eventos acadêmicos. Participa dos grupos de pesquisa Agricultura e Urbanização na América Latina e Geografia, Literatura e Arte da Universidade de São Paulo. Membro do Centro Latinoamericano de Estudios en Epistemología Pedagógica (CESPE). Consultor e avaliador do Ministério da Educação para políticas públicas educacionais. Autoria, organização, avaliação e curadoria de livros/capítulos acadêmicos e didáticos para graduação e pós-graduação e artigos em periódicos nacionais e internacionais. Experiência nos seguintes temas: Geografia, Ciências Humanas, Educação, Políticas Públicas Educacionais, Currículo, Ensino de Geografia, Epistemologia e Ontologia.

Sidelmar Alves da Silva Kunz - Pesquisador do INEP. E, atualmente, é Professor Doutor na FE/UnB, no âmbito da UAB, ministrando a disciplina Educação em Geografia I e Orientador de TCCs no curso de Pedagogia da UEG, no âmbito da UAB. Geógrafo (UEG), Pedagogo (UEG) e Licenciando em Letras (UCB).

Doutor em Educação (UnB), Mestre em Geografia (UnB), Especialista em Supervisão Escolar (Finon) e Especialista em Ontologia e Epistemologia (Unyleya).

Recebido para publicação em 18 de julho de 2021.

Aceito para publicação em 08 de junho de 2022.

Publicado em 22 de julho de 2022.